



REDACCAON Nº 35 RUA DOS OURIVES Nº 35



Lith: Valente Rua do Hospicio 101

EXPEDIENTE

Agradecemos a oferta de exemplares das seguintes publicações que nos foram enviadas:

AO SR A. LOPES DO COUÇO — o *Curso de Litteratura Portugueza* por Camillo Castello Branco, de que são editores os Srs Mattos Moreira & C. de Lisboa.

AO SR BARRÃO DA LAGOA — o *Relatorio da Irmandade da Lapa*, da qual foi digno provedor, e cujos serviços humanitarios cada dia se vão tornando mais valiosos.

AO SR SERRAFIM J. ALVES — *Uma prima e tres bordes*, comedia pelo Sr Bartholomeu de Magalhães... perdão, de Magalhães — que bem lhe podia ter apertado melhor a caravelha.

AO SR B. L. GARNIER — o n. 12 do *Journal des Familles*.

AO SR J. A. PESSOA DE BARROS — o seu *Guia Material para Viado*, especie de «Methodo de Hudson» applicado ao lundú. Por elle, diz o auctor na sua *adecencia*, torna-se facil aprender este instrumento que «nos eleva a alma... qual madrugada desprendendo-se em prazeres, fôres e perfume, desafiando risos! O violão é pois um instrumento não só do homem, como da senhora; e com effeito, uma senhora que toca o violão tem uma attenção particular, o mesmo acontece com o homem, que tem logo o primeiro logar em qualquer associação — em qualquer casa de familia.»

CINCINNATO QUEBRA-COCO

UM PARLAMENTAR DISTINGTO

Triste sina, a da salinha provincial!

Está escripto no livro dos seus destinos, que deverá sempre contr e em seu seio, para completar o seu pessoal, um Lino — quer haja quer não haja um Lino é não.

Tendo cessado a condescendencia dos Srs eleitores e amigos do Sr Lino da Costa, em mandal-o como seu representante, d'elles, — facto que coincidiu com a sua demissão do alto cargo que exercia na secretaria da provincia — aconteceu dar-se uma vaga ao logar que aquelle senhor occupava na Assembléa Provincial, o qual não era inteiramente e satisfactoriamente preenchido pelo Dr Triana-Botões, vulgo Costa Ferraz.

E na triste contingencia de se resignarem a não mandar para alli o seu costumado Braz das Moças, capitão Tiberio, ou Tony-o-imbecil, os eleitores pegaram em si, pucharam pela lista

dos pretendentes, e... eureka! Lá descobriram um nome que lhes promettia grandes e admiráveis cousas.

E d'este modo mandaram para cá o Sr Albino, que pelo nome não perca.

E foi assim que aconteceu vir a ser o Sr Albino o encarregado de fazer o illustro auditorio da salinha, nos intervallos deixados pelo Sr Costa Ferraz, cahir em um mar de riso, quero dizer, de admiração ante a sua facundia, a sua verbozidade, a sua eloquencia, o seu furor declinatorio: para o que muito trabalha o moderno Demosthenes, quando se levanta grave e austero, e a proposito da discussão do orçamento, faz um *sustancioso* discurso... sobre a sua pessoa!

Devendo-se notar que esse famoso discurso tem tido pelo menos doze edições — menos correctas porém mais augmentadas.

Ora o homem levanta-se, e em phrases archi-bucolicas declara que «quando na roça, com os seus companheiros, *ao pôr do sol* poente d'ixam as enxada do trabalho, divertem-se um pouco em fallar latin...»

Mais tarde, na discussão do orçamento provincial, vem elle contar que deuse comigo o mesmo facto que deuse com Cincinnato, pois a elle Albino, foram-o arrancar do seu retiro, — a elle, humilde *agricultor dos campos* (!) para transportal-o ao meio de uma assembléa illustrada, onde a sua *fraca voz* apenas seia expandir-se...

O' Cincinnato Quebra-Coco, quem te mandou cá vir? Volve ao seio dos teus companheiros de trabalho e vai com elles fallar latin, muito latin, quando e como quizeres, e especialmente *ao pôr do sol poente que se põe!*

Volta soezgado e tranquillo, que cá ficará eternamente gravada na memoria reconhecida dos teus comprouvincianos aquella maxima, ao que parece da tua invenção, e que teve as honras de um discurso teu para ser apresentada, e que se os tachigraphos não erraram, e se o latin que fallas é o mesmo que outros traduzem, é a seguinte:

«*Audaces fortuna juvat!*»

Oh! crebro *concepioso!* Em que reconditos escaninhos guardaste a scentella divina do espirito e intelligencia, que te dictou aquella phrase tão consciuosamente elaborada, tão prudentemente pronunciada?

Serás mesmo um homem como os mais! Não, tu és um genio, e os genios não se confundem com os outros homems!

E é por isso que te não lembra a a tua despretenciosa Rezende, quando te mandou cá represental-a e tratar dos seus interesses, não teve em vista enviarnos um specimen dos seus oradores: não, Rezende ignorava que a tua quida era para a oratoria, ella desconhecia a tua eloquencia desde o grande discurso da *familia-bras-leira* até que te atraste a fallar o latin.

Rezende não tinha, não podia ter essas pretensões; ella sabe que não tem um grande orador; grandes tem o Parahyba, o céu azul que a cobre, a varzes immensa que a cerca, e o Tyburitá que já foi.

Ella mandou-te cá, não para dares amostra de que traduziste a selecta latina, e ensaias pela manha o aceno e o phrasado que vais reproduzir na Assembléa; ella encaregou-te, e só de vires pelir uma ponte para o rio que a corta, visto que desde que o mundo é mundo tem uma que está sempre em concerto; Razende quer agua para beber, que a do Parahyba é suja; quer illuminação, que insufficiente é a que a iniciativa particular alli mantém; quer calçadas e estradas; quer vida e luz.

Discursos — isso 'ella não quer; e se fôra para isso que ella tivesse de reunir-se e manchar cá alguém, soffro que t'o digam e cre' na ver tade amigo Albino-Cincinnati-Quebra-Côco — não era a ti que ella teria escolhido.

ESPECTADOR.

FABULA INSTANTANEA

O PÉ DE DESCUIDADO

Padeco das mentias Frei José
e, sentando-se ao pé de Dona Benta,
solta um grito do dôr o pise-se em pé.

Quem tem rabo não se assenta.

SAXERO PANÇA.

O PÉ DA ACTRIZ

Especialisando este pé, foi de um modo geral que d'elle tratei.
Mo parece que ficaria incompleto esse estudo, se não apresentasse em seguida, a nú, fôra da bota e sem meia calçada, alguns pés de actrizes dos mais conhecidos.
Ei-os, pois:

I

O PÉ DA SRA LUVINI

A' tout seigneur tout honneur!

Este pé é respeitavel por todos os motivos. Comprimento, espessura, feitiço, peso bruto, tudo n'elle é grandioso, e dá-lhe direito ao primeiro lugar.

Este pé não é um membro da Sra Joanna Luvini; a Sra Joanna Luvini é que é um membro d'elle.

Não foi feito para sapato, e ainda menos para botina.

É um pé obrigado a chinella, e a chinella de tapete, sem salto e de sola e vira, para preservar da humidade os intestinos de sua dona.

É molle, não tem osso, não tem nervo, e alonga-se por ahí além.

É um pé architectonico; é a medida a que os constructores chamam—pé direito.

II

O PÉ DA SRA GILDA

É elastico este pé.

Fô feito para todos os sapatos, sobretudo para os sapatos de borracha.

Não obstante o sem feitiço de ferro de engommar, torce-se todo e para qualquer lado.

Tão malleavel como é, se não fosse inteiro, era um pé d'aço.

III

O PÉ DA SRA ISABEL PORTO

É curto e grosso.

É tão roliço, tão redondo, que parece um pé de repolho.
Pela sua forma arredondada vê-se bem que é uma roda-pé.

IV

O PÉ DA SRA HELENA BALSEMÃO

É grosso, é espesso, é aspero e encouraçado.

Tem o calcanhar dobrado, como meia ingleza de algodão cru.

Pelo que dispensa sempre con'raforte no sapato.

Pisa rijo e esmagalha quanto pisa.

Este pé é uma mão de pilão.

V

O PÉ DA SRA JULIA HELLER

Custa a vêr-se este pé, mas sabe-se que não só não é delgado, como mesmo é muito duro.

É mesmo rijo como um pé.

Na Phoenix é o unico pé que ha.

VI

O PÉ DA SRA AUREA

Não é grande, nem pequeno; não é chato, nem comprido.

Distingue-se pelo esporão que tem no calcanhar e pelos cabellos que tem nos dedos, da mesma côr dos que usa na cabeça.

É um pé louro.

Se fosse menor, seria um pé lourinho.

VII

O PÉ DA SRA MARQUELOU

34 pontos dentro de casa; *ca ville* 33 apenas: na scena e quando sai de cartto sómente 32.

É um pé do pisar ovos.

Tem feitiço este pé, o d'elle dizem coisas...

É, um pé da fazer febre.

No entanto, em vez de fazel-a, devia cural-a; pois que é pé quinho.

VIII

O PÉ DA SRA APOLLONIA

A dar-se credito ao que disse um poeta d'este pé, é elle tão imperceptivel, que é sem duvida um pé de vento.

Depois que foi posto em musica, ficou sendo pé de cantiga.

Mas tantas são as almas que se têm derretido pisadas por este pé, que eu o acho um peccadinho.

IX

O PÉ DA SRA LUCINDA

Calçando sempre, em todas as peças que representa, um sapatinho de setim, e sempre pisando a passo igual, é um verdadeiro pé de igualdade.

OSTOIRO'S (PROLOGO)



DIZEM QUE FORAM APANHADOS
 COMO O SR. CONZACAO DO DIARIO
 DO RIO, APANHA OS VEADOS

COM ALPISTA!

CHIRIAM NA RATOEIRA!
 E QUE RATOEIRA!! SEM OS DEIXAR
 DESPEDIR-SE DOS SEUS, E EM
 PRISAO CELULAR PESPEÇAMAM
 COM ELIS AQUI, QUE MAL FARIAM
 ESTES BICHOS PARA TAL CASTIGO?

ENJOJAM
 TODOS NA
 VIRGEM
 COITADOS!!

A SUA CHE-
 GADA
 GRANDE
 REBOLICO
 NA ALFANDE
 9A.....



COMO REALIZA O DESPRECHO?
 QUAES OS DIREITOS IMPOSTOS
 AO TOIRO?! REUNIDOS OS CONFE-
 RENTES CONSULTADAS AS PRANTAS E

DEPOIS DE PLACIDA
 DISCUSSAO ENTRE
 TODOS ESTES SAS,
 RESOLVE-SE QUE,
 O TOIRO ENCAIXADO

TAQUE OS DIREITOS DE
 CARNE ENSACADA, QUESTOES
 D'APROXIMACAO, NOMEIO

DOS SUSTOS, ESPEARA
 VAMO CADO A PORTA
 D'ALFANDEGA, OS JANTINOS
 VESTIDOS A CAMPINA
 COM O PRAXE



O ACOMPANHAMENTO SEGUIA EM BOND, PORQUE OS TOIROS IAM EM CAIXAS



AO CHEGAREM AO CHATEAU DE
 VERSAILLES, SARRAM HINDA
 PELO PROCESSO DA ACPISTA



PARA UM LOGAR CHEIO
 DE BANANEIRAS, E COM UM
 TANQUESIMO: AHI AS
 FERRAS ESTAVAM TRISTES



E DEITAVAM UM LANCOS
 TRISTE OLHAR, A QUEM OS
 VISITAVA, ASSIM COMO QUEM
 DIZ: COMEM O BANANA

SENTIME NOS
 TAL E QUAL



ANTES DA CORRIDA EL-FRASCUELO TOMA
SUAS VESTES GENTIS E TOREO CHAMA A
COMPANHIA E DEITA-LHE A SEGUINTE FALA:
MUCHACHOS: CONTRATEI-OS PARA SEREM BRAVOS
NÃO ME DEIXEM FICAR MAL = NÃO SENHOR, DISSERAM TODOS

O VOSSO OFFICIO É MARRRAR, SE NÃO
FAZEM DESFAZEM-ME O NEGOCIO,
POR CONSEQUINTE MARRRE SEMPRE
SIM SENHOR, RESPONDERAM TODOS À UMA E
FICARAM TRANQUILOS EXCEPTO



O TOIRO MALHADO QUE SE MOSTRAVA
INQUIETO E CABIS BAIXO, UM COLLEGA
ARRISCA-SE A PREGUNTAR-LHE, QUAL
O MOTIVO DE SE PESAR...

DEPOIS DE PROFUNDO
SUSPIRO, O MALHADO
DIZ-LHE

COM O ENJOJO COM O CRAIXOTE E
COM AS SINDRÕES, ESQUECEU-ME A PROFISSÃO
JÁ NÃO SEI MARRRAR! COMO É... NENHUM
DE NÓS SE LEMBRA, MAS NÃO TE RALLES, DE
QUALQUER NANEIRA VAE BEM, DÁ COM A CABEÇA
PARA DEANTE E DEIXA, NÃO TEM DUYIDA
QUE EMSARILHES... DA-LHE PORTE
DIZ-LHE OUTRA



MAS ISSO É FALTAR ÀS REGRAS D'ARTE!
GRITA O TOIRO MALHADO, QUE É MUITO CONSCIOSO,
PATETA... QUEM É QUE SABE D'ISSO?
FINJE-TE BRAVO... FAZ COMO NÓS ENSAIATE NABRAVURA E... RITE.

APESARDO CONSELHO O
TOIRO MALHADO, CONTINUA
TRISTE, E REPETINDO SEMPRE



DEIXEMOS O TOIRO
MALHADO EOS SEUS
ESCREFULOS E
ESPEREMOS
A SORTE DOS TOIROS
DA PRAÇA E... DO PUBLICO.

ERRATA AO
NUMERO PASSADO.



REPETIDO DO ME AMIGO TIMOÇO
CORRIJO O MARIE DO NOTICIA
RISTA QUE ELLE MEDIZ
SER SEU... SE ONAO SATIS-
FIZER, DINA...
(PARA FAVOR DE COLLAR
(SOBRE O OUTRO)
3090 DALL'OPIN

TER-ME ESQUECIDO!!!
MARRAVA TÃO BEM N'ORIO DA PATA!!
FAZIA GOSTO VER-ME!! ESQUECI-ME!!!
NÃO HAVERA QUEM NÃO LEMBRE?
ABUSEI DA BANANA E AGORA...

X

O PÉ DA SRA CLELIA

Não tem dedos, nem calcenhar,
E simplesmente o fim da perna.
É uma ponta, é um ponta-pé.

XI

O PÉ DA SRA ADELAÍDE AMARAL

Se de água se pudesse fazer alguma coisa que tivesse a fôrma
do um pé, teríamos n'este um pé d'água.
Teríamos mesmo um pé dilúvio.

XII

O PÉ DA SRA VICENCIA

Não é um pé, é uma peanha.
Tem tantos altos e baixos e excrecencias, que parece uma
penca de bananas.
Pelo menos é um pé greado.
Não é possível que caiba em sapato.
Aquello pé está bradado sempre:
— Olha essa sandalia que sóa!
Com seus calos e joanets, este pé é um pé de cura.

XIII

O PÉ DA SRA IZENEZ

Para este pé não há fôrma, nem sapato feito.
Tambem não é um pé, é um pedestal.
Pela fôrma é um pé cubico; pelo tamanho, se a tabeada de
Barker não mente, é o pé craveiro.
Em ultimo caso, é o pé deste artigo.

SPHYXX.

SALPICOSI

O professor Hartt, que tem descoberto na ilha do Governador
um numero consideravel de cousas curiosas, é talvez o unico
que poderá explicar a contrandacia de chegadas e partidas de
personagens notaveis, durante esta semana.

Os Srs bispos do Pará e de S. Paulo lá se partiram cada
um para a sua diocese—e Deus os tenha por lá e lhes dê juizo.

Por compensação, chegaram, tambem das suas dioceses: o
Sr João Alfredo e o Sr Paulino, que têm dado occasião ao des-
envolvimento da arte pyrotechnica, graças á profusão de foguetes
com que os seus amigos politicos os receberam.

E taes foram as girandolas que o Sr Navarro d'Andrade,
o homem dos foguetes, estulhada da sua antiga prerogativa de
andar sempre de mettão em punho, não pôde conter-se que não
deitasse — um jornal.

Assim foi, que appareceu o foguete... o foguete, não, o
Pequeno Jornal do grande Sr Navarro.

Ao que parece, o Pequeno do Sr Navarro vem disposto a
fazer cousas do arco-da-velha. Uma d'ellas é regenerar a im-
prensa — que bem o precisava, seja dito de passagem. E se o
Pequeno (Jornal) (*) conseguir os 10,000 assignantes que diz pre-
cisar, é provavel que vejamos as folhas publicas servirem, não
só para embrullhar mantiga, como antigamente, mas até para
serviços mais delicados.

Constante que a tiata não largue...

O que porém teve graça, foi que a *Gazetilha* passou ao
amigo Navarro um debique em regra, enquanto que a *Gazeta*,
toda ella mel rosado e essencia de bergamota, lhe desfechou
um repicho de colzas, entre as quaes a declaração que o Sr Na-
varro tem — um nome prestimoso.

Vamos lá, d'esta vez foi a *Gazeta* quem deitou os foguetes.

Outro tanto terá acontecido com o Sr Cerveito, que o jury
acaba de pôr na rua... se é que dos gastos do seu processo
lhe ficaram, pagos os advogados e as custas, mais de quatro
patacas para comprar de angui na quitandaira.

É uma bella cousa a justiça, mas so alguma vez eu tivesse
que dar um conselho ao leitor, o melhor conselho que poderia
dar-lhe — é de evitar relações com aquella dama que, talvez por
ser cega, não tem o menor escrúpulo em pôr um christão em
fralda de camisa.

Tanto mais que, para ficar reduzido a esse vestuário um
tanto simples, já temos cinquentas e um meios infallíveis.

Ser professor publico, por exemplo.

O bem da humanidade é uma das milhens mais serias preo-
cupações. Penso n'elle quasi tanto como nas fatias-deparida que
o Riachão me deu hontem ao jantar, por ser dia dos meus annos.
Por isso, quando Hudson—o gnedelhudo pede a Menezes—o—
cyprestoso que advogou a causa dos Srs mestros, dão-me impetoo
de ir d'aqui ao Sr Zé Dento e dizer-lhe:

O Sen Zé, d'aquelles negocios que o Sr sabe, mande dar
mais uns *mitos* aos professores publicos.

E no entretanto não ha classe menos exigente.

Não murmuram, não clamam, não fazem parvozes, não se
queixam.

Ou, se o fazem, é tão em particular que o unico protesto
publico das Escolas de que tenho noticia, é o do celebre relógio
da escola de S. José, o mesmo que em tempo inspirou gostosos
echos ao Sr Varejão, do *Jornal do Commercio*. Emperrou nas
tres menos cinco — não o Sr Varejão — e d'alli não ha fazelo-
sahir, nem a dedo.

E tem toda a razão.

(*) N. da Revisão—Fôra, larapio! Essa piada é do Luiz
d'Andrade, não é sua. Darse-ha caso que no *Mosquito* tambem
haja um *Caroquinho* ?...

Isto de ter razão ou não ter razão, afinal de contas, é uma historia.

Nestes ultimos tempos os desastres nos *bonds* tem rastreado, em numero, pelo das graças e condecorações. Ha quem tenha ficado sem pernas, e ha quem tenha ido da vez até o Cajú. Mas de providencias, até agora estamos no « ora veja ».

O *bond*, considerado como elemento de civilização, apenas tem um defeito — andar sempre sujo e besuntado de umas graxas inextinguíveis que se lithographam na roupa dos passageiros, donde não ha beuzina que seja capaz de as divorciar. Não se lhe podem, porém, assacar crimes de que elle não é o culpado.

Quando uns fulanos imprudentes se vão metter debaixo das rodas, por muito que o *bond* queira poupar-lhe as tibias, não ha meio.

O aparelho do Sr Silva, de que se fez uma experiencia, com algumas pequenas modificações poderia reduzir consideravelmente a gravidade dos casos. O numero de accidentes, esse ha de sempre augmentar, mormente quando os riscos se reduzirem ás proporções de uma vulgar canellada. Mas porque não prescrever ás companhias o uso dos taes salva-pernas?

Se o mesmo se pudesse conseguir com os tilburrys, não teria o Sr 2.º delegado de policia levado os bolides que levou no outro dia, tão sem graça e mesmo sem razão. De facto, o Sr Arcadio de Aguiar ha tido pouco tempo de delegado, que não terá ainda tido occasião de atropellar a lei o bastante para se poder ver, no tal tilbury, um vingador que lhe applicou a pena de falição.

Valha a verdade, agora parece que vai pegando a usança de usar de grande severidade na applicação das penas. O Sr ministro da Agricultura acaba de dar um exemplo d'isso com a fallada demissão do Sr Rozendo Mouiz.

Quando se fez a reforma d'aquella secretaría, foi festejada com hilaridade crescente a nomeação do Sr Rozendo. Era talvez comulário o illustre poeta, babiano, mas os mais benignos *imita-çam-se* a dizer que, n'uma casa cheia de trabalho como aquella repartição, o Sr Rozendo era tão util como uma quinta roda em qualquer carruagem. Emfim, desde que os padrinhos eram bons...

A practica veio confirmar o que se dizia. O Sr Rozendo nunca fez cousa que se visse, e o que verdadeiramente o paiz lhe deve mais agradecer, é que as suas relações com o serviço foram puramente platonicas, como aliás era de esperar de um poeta.

Todo isso, porém, era desconhecido do Sr ministro, que só abriu os olhos quando o cysno official, em um assumo de mal empregado arroganho, lhe dirigiu algumas phrases aprendidas no *Apostolo*, em algum artigo do Sr Reis-Patuseo. Então, sim: não contente de aceitar a demissão offerrecida, o Sr Thomaz Coelho demittio-o com a declaração « a bem do serviço publico », cota reservada até hoje quasi exclusivamente para os casos de malversação, venalidade, e outros igualmente *honorosos*.

Ora o Sr Rozendo será tudo quanto quiserem — mesmo poeta — mas não consta que tenha accedido presentes para fazer andar com mais rapidez e segurança o expediente de certas popeladas. Então como lhe applicam a *convencionaldo maior*, que pôde dar ensejo a supposições que um homem de brio não pôde deixar palear sobre si? Como é que o Sr Thomaz Coelho, em quem todos reconhecem uma grande probidade, se permite um acto que pôde desairar um outro homem probó?

É esta desgraça que caiu sobre as musas lyricas do Sr Mouiz — parece zombaria do destino! — quando a estação dos *lattes e solives* se acha terminada, tirando-lhe assim essa ficha de consolação.

A ultima festa d'este anno talvez tenha sido a inauguração do Congresso Gymnastico Portuguez, que foi uma festa de aborrotar.

O edificio tem proporções que dão margem para tudo, e a directoria não poupa esforços para dar o maior realce á cerimonia do dia, pôdo em evidencia os grandes recursos de que dispõe. A esgrima e a gymnastica não absorveram completamente a sua attenção, e quando um côro de senhoras executou o hymno da sociedade, composto pelo Sr Augusto Portugal, viu-se que o joven professor é capaz de grandes committimentos e que a sua coadjuvação será de grande auxilio para o progresso do club.

Se não fosse não sei porque, era capaz de pedir á directoria a criação de um premio, segundo o louvável exemplo dado pela repartição que dirige os destinos da Escola de Tiro no Campo Grande, que acaba de premiar o Sr tenente Carneiro — *sic* — com uma espada de aço.

Premiar um individuo que com uma Spencer ou um Boanin mette doze ballas seguidas n'um alvo a oitocentos metros, dando-lhe uma carabina boa e rica, se lhe não queriam dar um objecto de arte, era uma cousa tão sensata, que naturalmente não podia occorrer aos nossos administradores.

— O homem atira bem ao alvo, disseram-lhe consigo os taes senhores: façamos um *calembourg*, dando-lhe uma *arma branca*. E lá lhe daram uma espada de aço.

Ainda, por felicidade, foi de aço. Se pensam mais um pouco, davam-lh'a — de folha de Flandras.

Don

CONGRESSO GYMNASIOPORTUGUEZ

ESTADO DA BAHIA DE ALLAGOAS
EM 7 DE DEZEMBRO DE 1846



DIRECTORIA E PRINCIPAES FUNDADORES SOCIEDADES

IMPRESSO NA BAHIA DE ALLAGOAS